



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



Direitos Humanos e Violência Doméstica

No ano passado, a 10 de dezembro, assinalaram-se os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento fundamental e intemporal do século XX a que damos atenção neste novo ano.

Neste mês, focamos a relação intrínseca dos objetivos desta Declaração com o combate à Violência Doméstica, uma questão de Direitos Humanos, das mais prementes e urgentes. E a situação em Portugal é exemplo dessa premência, como diz o relatório recente do Conselho da Europa sobre este flagelo, na versão lusa.

Lembro que o Conselho da Europa, a mais antiga instituição europeia em funcionamento, nasce em 1949 para defender os direitos humanos e a democracia no espaço europeu, tendo, atualmente, 47 estados membros. Na sequência da Convenção de Istambul, ratificada em 2013, acompanha o combate à violência contra mulheres nestes países. No passado dia 21, publicou duas avaliações - a Portugal e à Suécia.

Sobre Portugal, do lado positivo, assinala as medidas que o país tomou nos últimos anos, alargando a criminalização de várias formas de violência. Mas só leis não chegam, como o demonstram estes resultados vergonhosos. Das 27,000 denúncias feitas anualmente, apenas 7% levam a condenações, e destas condenações, 90% acabam em penas suspensas. Ou seja, o agressor sabe que pode continuar, a seu bel e vil prazer.

Ou, como dizia uma manchete da TSF, em Portugal, quase todas as investigações por violência contra mulheres acabam em nada. NADA, o que é imoral e inadmissível! ♦

As Sufragistas

A luta pelo direito ao voto feminino em filme de Sarah Gavron

PIEADA LALANDA
PROF. UNIVERSITÁRIA

Estamos em Inglaterra, no início do século XX, em plena revolução industrial e em vésperas da 1ª guerra mundial.

Emmeline Pankhurst, defensora do sufrágio universal, funda o Women's Social and Political Union (WSPU) sob o lema "Ações e não palavras".

O filme "As Sufragistas" realizado, em 2015, pela britânica Sarah Gavron e protagonizado, entre outras, por Carey Mulligan e Meryl Streep, conta a história deste movimento que lutou pelo direito ao voto, num contexto em que ser mulher implicava abdicar de direitos de cidadania e delegar a representatividade nos maridos, pais e irmãos.

A luta pelo voto feminino na Inglaterra não foi pacífica. Mas, as sufragistas nunca desistiram. Unidas, mobilizadas pelo sentimento de injustiça, foram vá-



"As Sufragistas" filme realizado, em 2015, conta a história deste movimento de luta pelo direito ao voto feminino

rias vezes presas, mas nada as fazia desistir de lutar, mesmo que isso significasse perder quem mais amavam.

Qualquer mudança social,

que vise, ontem como hoje, a defesa da igualdade de direitos, tem de transformar a própria estrutura da sociedade. Não é fácil, nem de efeito imediato mas, sem dúvida, quando acontece ser vitoriosa, os impactos são evidentes na vida das gerações seguintes.

O direito ao voto, em democracia, seja de homens ou mulheres, é muito mais do que a possibilidade de escolher uma força política ou um representante. É, ou devia ser, sinónimo de consciência cívica, defesa da democracia e de uma sociedade de direito. ♦

Janeiro 2019

Janela sobre o passado...

O fim da Grande Guerra, em 1919, desencadeou o regresso à normalidade. A reconversão da economia de guerra numa economia de paz, representou a desmobilização feminina, pois já não era necessário o desempenho de mulheres em determinadas funções civis e militares. Os discursos oficiais e as sociedades, em geral, voltam a valorizar as funções tradicionais femininas, repartidas entre o trabalho doméstico e a natalidade. A recuperação demográfica tornara-se numa prioridade. Porém, como refere Irene Vaquinhas, apesar do carácter conservador, no tocante à relação entre sexos, a guerra trouxe às mulheres liberdade de atitudes e de movimentos que encontram a sua expressão mais significativa na "garçonnette" europeia ou na "flapper" americana: a rapariga de cabelos curtos, figura estilizada, vestuário de linhas direitas e comportamentos irreverentes. O choque de mentalidades foi o rastilho que acendeu, então, uma enorme



SUSANA
SERPA SILVA

polémica em torno do conceito de "mulher moderna".

Nas grandes cidades, as jovens livres, independentes e aventureiras, que usufruem de um salário, usam saias pelo joelho, aparecem maquilhadas, fumam e bebem em público, viajam sozinhas, praticam desporto e mantêm um estilo de vida que, trinta anos antes, lhes teria arruinado, por completo, a reputação. Despidas de preconceitos, sem espartilhos, vestidos longos, folhos e fitas, as pragmáticas mulheres dos Anos 20 são o testemunho de uma viragem propiciada pelas rupturas que a guerra infligiu, mas que, ainda assim, não se generalizaram a todas as sociedades e, menos ainda, ao mundo rural. O modernismo não chegou a todos, mas fez-se sentir na moda, no desporto, nas vanguardas artísticas, na vida urbana e em determinados universos femininos. Gradualmente, o direito ao voto foi-se tornando uma realidade em diferentes países, pelo que as lutas feministas versavam, cada



As irreverentes Dolly Sisters (bailarinas, cantoras e atrizes, húngaro-americanas, famosas nos Anos 20).

Fonte: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2016/11>

vez mais, a emancipação da mulher e a igualdade de género. Em 1930, em países como a Turquia, milhares de mulheres festejaram o direito ao voto e a possibilidade de acederem a cargos municipais. Eram encorajadas a usar trajes ocidentais, a estudar e a exercer profissões liberais como um meio para atingir a modernização. Assistiram, ainda, à abolição da poligamia e ao estabelecimento do direito ao divórcio. ♦